

LÍNGUA INGLESA NA INFÂNCIA: O QUE PENSAM OS ACADÊMICOS DE LETRAS?

Silvana Lurdes GAYESKI
Universidade de Passo Fundo

Resumo: Este artigo discute a questão do ensino da língua estrangeira (LE – inglês) na infância apresenta-se como uma questão bastante polêmica no cenário educacional atual, pois pesquisadores e professores não convergem totalmente em suas opiniões sobre os benefícios e/ou prejuízos relacionados à exposição precoce de crianças a esse processo. No ambiente acadêmico, alunos de Letras em formação, também discutem as questões e demonstram opiniões diferenciadas, fato que reforça a necessidade de se conhecer e de investigar pesquisas já desenvolvidas com esse tema, a fim de esclarecer e de investigar pesquisas já desenvolvidas com esse tema, a fim de esclarecer aspectos importantes sobre o tema. Esta pesquisa, caracterizada como qualitativa interpretativista, se desenvolveu buscando responder as seguintes perguntas: É possível aprender uma língua estrangeira na infância? Quais as facilidades e/ou prejuízos da exposição precoce de crianças ao ensino de língua estrangeira? Quais as possíveis crenças de acadêmicos de Letras, futuros professores de língua estrangeira, sobre o ensino do idioma estrangeiro para crianças? Com isso, teve como objetivo principal, além de descrever, analisar e compreender o ensino e LE – inglês – para crianças, identificar as possíveis crença de acadêmicos de Letras de uma turma da UPF, campus Casca. Para isso, foi utilizado um questionário, a partir do qual foram feitas a tabulação, a análise e a interpretação dos dados. Todo o estudo apoiou-se nas teorias de aquisição da linguagem e de estudos já realizados na área de Linguística Aplicada, especialmente

em Assis-Peterson & Gonçalves (2000/2001), Motter (2007) e Rocha (2007, 2008), além de estudos sobre crenças de Barcelos (2001).

Palavras-chave: Aquisição de língua estrangeira. Infância. Crenças.

1 INTRODUÇÃO

Dentre os avanços da era da comunicação percebe-se um crescente interesse pela aquisição de língua estrangeira (doravante LE), especialmente o inglês, mundialmente associado ao sucesso e qualificação profissional. Frente a esta crescente procura pela língua inglesa, muitos pais inserem seus filhos cada vez mais cedo no processo de aprendizagem da língua.

Percebendo esta inserção cada vez mais cedo, surgem alguns questionamentos entre estudiosos da Linguística Aplicada (doravante LA) e profissionais da educação. Afinal, é possível adquirir uma língua estrangeira na infância? Esse processo, ao ser iniciado precocemente traz facilidades ou prejuízos a quem está sendo exposto a ele?

A partir destes questionamentos e da relevância do tema pretende-se, por meio desta pesquisa bibliográfica, conhecer como se dá o processo de aquisição de LE por parte das crianças, assim como investigar as consequências à aprendiz cada vez mais jovens. Além disso, através de um questionário estruturado com perguntas objetivas e descritivas, pretende-se investigar e analisar as crenças de acadêmicos do curso de Letras no que se refere à aquisição de LE na infância.

Esta pesquisa justifica-se pela inquietação desta pesquisadora quanto ao processo de aquisição de LE na infância, da controvérsia gerada em torno da melhor idade para se iniciar este processo, bem como da necessidade de conhecer as crenças de futuros professores sobre este assunto.

Este artigo divide-se em três seções, sendo que na primeira delas é destacado o ensino de língua estrangeira – inglês - para crianças, apresentando explicações neurológicas para a aquisição de LE na infância,

concepções de renomados estudiosos da LA sobre o assunto, além de estudos já desenvolvidos na área.

Na sequência, aborda-se a questão das crenças referentes ao ensino de LE, finalizando a parte teórica da pesquisa.

Em seguida, encontra-se a pesquisa desenvolvida com os acadêmicos de Letras, apresentado a caracterização dos participantes e a análise crítica dos resultados obtidos, baseando-se sempre nos estudos e pesquisas apresentados no decorrer da pesquisa.

Por fim, encontram-se as considerações finais, com as reflexões a cerca da pesquisa desenvolvida, as referências bibliográficas utilizadas na pesquisa e o questionário aplicado aos acadêmicos.

2 AQUISIÇÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA – LÍNGUA INGLESA – NA INFÂNCIA

Em uma sociedade marcada por desigualdades, a língua(gem) é instrumento de comunicação e poder e o inglês assume um papel hegemônico na sociedade contemporânea. Por isso, o ensino do idioma estrangeiro deve visar objetivos comunicativos, emancipatórios e transformadores, que possam auxiliar o aluno a fazer uso da língua-alvo na sociedade, tornando-o apto a enfrentar os desafios que o mundo coloca em seu caminho.

Frente à esses desafios, a tendência de se aprender inglês cada vez mais cedo deve-se ao surgimento de novas tecnologias, da diversidade linguística e cultural e do crescente papel do inglês como língua universal. Porém, quando questionados sobre qual a melhor idade para se aprender um segundo idioma, pais, professores e estudiosos da LA divergem em alguns aspectos.

Devido à falta de conhecimento de teorias e pesquisas sobre aquisição de segunda língua (doravante L2), muitas pessoas baseiam-se em intuições, crenças, opiniões e preconceitos.

Segundo Assis-Peterson & Gonçalves (2000/2001), qualquer professor de línguas precisa estar informado a respeito de pesquisas sobre a aquisição

de L2, para melhorar o processo de ensino e aprendizagem e poder informar aos pais quanto a esse assunto, desmistificando estas crenças e solidificando suas opiniões sobre o assunto.

2.2 Explicações neurológicas

Para as estudiosas Assis-Peterson & Gonçalves (2000/2001), a aquisição de uma L2 está diretamente relacionada à hipótese do período crítico, sustentada na ideia de que o indivíduo é biologicamente programado para adquirir uma língua antes da puberdade, até por volta dos doze anos. Após este período, a aquisição poderá ocorrer, mas com maior dificuldade e com probabilidade de se obter uma fala com sotaque.

Segundo explicações neurológicas apresentadas por Motter (2007, p. 79), a maior facilidade em adquirir um idioma estrangeiro até a puberdade se deve ao fato de que os dois hemisférios cerebrais estão mais interligados até esta fase, fazendo com que a assimilação ocorra no hemisfério direito e este acabe sedimentado no hemisfério esquerdo, como habilidade permanente. Como, após a puberdade, ocorre a lateralização do cérebro, o período de maior aprendizagem é enquanto há a interligação entre os dois hemisférios cerebrais.

Devido à facilidade em produzir sons de uma LE, e, assim, associar naturalmente as estruturas aos conceitos, a criança tem maiores chances de adquirir uma LE, com menos riscos de desvios de pronúncia, sotaque e com resultados mais rápidos e satisfatórios.

Já o adulto, por possuir sua matriz fonológica sedimentada, sua sensibilidade auditiva amortecida – treinadas a perceber e produzir apenas os fonemas de sua língua materna (doravante LM) acaba tendo maior trabalho para adquirir uma L2.

2.3 O que dizem os teóricos da Linguística Aplicada

A melhor idade para aprender uma L2 e obter sucesso é objeto de controvérsias entre pesquisadores da LA. Alguns afirmam que tanto crianças

quanto adultos podem ter sucesso na aprendizagem, outros acreditam que adultos estão em desvantagem apenas em alguns aspectos, como na fonologia. Outros ainda, creem que realmente aprendizes mais jovens têm maiores vantagens na aprendizagem.

Para Assis-Peterson & Gonçalves (2000/2001), muitos fatores devem ser levados em consideração quanto à aprendizagem de uma LE, como a confiança, motivação, auto-estima e personalidade. As autoras afirmam que (p. 14) “aprendizes mais velhos são mais rápidos, mas aprendizes mais jovens são melhores quanto ao resultado alcançável”.

Segundo Rocha (2007, p. 74), o processo de ensino-aprendizagem de línguas deve estar voltado para os interesses do aluno, não tomando o desenvolvimento das habilidades linguísticas como foco único do processo, entendendo que o ensino na infância serve de base para uma aprendizagem efetiva em séries posteriores.

Para Johnstone (1994, apud ROCHA, 2007), para a aprendizagem efetiva é importante considerar fatores como o tempo de estudo, a qualidade do ensino e os objetivos da aprendizagem, ou seja, considerar o contexto em que o aprendiz está inserido.

Segundo Assis-Peterson & Gonçalves (2000/2001), a criança utiliza um mecanismo inato de aquisição de linguagem, já os adultos confiam na habilidade indutiva.

Para Motter (2007), o adulto tem maior capacidade de reter informações e lidar com regras e conceitos, porém a criança é mais espontânea, curiosa e desinibida, o que favorece a aprendizagem. Por possuírem muita energia física, serem facilmente instigadas e, geralmente, entusiasmadas perante uma LE, através da experimentação e descobrimento de coisas novas a criança acaba adquirindo uma L2 naturalmente.

De acordo com Motter (2007), o adulto se preocupa excessivamente com a forma, construindo uma ideia de certo e errado e preferindo não correr o risco de cometer deslizes, não usufruindo do ambiente e da língua que o cerca.

A autora afirma, ainda, que a criança possui maior resistência ao aprendizado formal do que o adulto, o que exige uma metodologia de ensino

dinâmica e lúdica, aproveitando a facilidade de assimilação de uma L2 que ela possui. O adulto também tem condições de adquirir um segundo idioma, porém isto pode acontecer de forma mais lenta e com maiores possibilidades de não alcançar a proficiência de um falante nativo.

Para que o processo de aquisição de L2 se dê de forma positiva, deve-se levar em conta os estágios de cada aprendiz, orientando-se pelas teorias de aquisição de L2 e práticas de ensino e aprendizagem. Além disso, para que o processo aconteça naturalmente, o aprendiz precisa estar motivado e sentir prazer em aprender.

3 CRENÇAS NO ENSINO DE LÍNGUAS

Segundo Ferreira (1980, apud SILVA, 2007), crenças são “opiniões adotadas com fé e convicção”. Sendo assim, as crenças, inegavelmente, irão se refletir em atitudes.

As crenças estão enraizadas na mente do aprendiz de línguas e iniciam antes mesmo de o indivíduo ter consciência delas. Além disso, elas podem mudar de acordo com o contexto em que o indivíduo está inserido.

O processo de ensino e aprendizagem de LE pode ser, tanto prejudicado quanto facilitado pelas crenças, pois estas estão diretamente ligadas a esta prática.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, a abordagem utilizada aproxima-se da normativa e da metacognitiva, apontada por Barcellos (2001), pois infere crenças por meio de questionário estruturado, não havendo a preocupação em analisá-las em contraste com as ações dos participantes.

4 A PESQUISA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa interpretativista (Telles, 2002) em que se descrevem os dados obtidos através da aplicação de questionário respondido por acadêmicos do sétimo nível do curso de Letras da Universidade de Passo Fundo, campus Casca.

O questionário aplicado (ANEXO A) foi elaborado com base, especialmente, em Assis-Peterson & Gonçalves (2000/2001) e Rocha (2008), contendo sete questões abertas, em que o participante, além de expor seu pensamento, opiniões e experiências, deveria justificar suas escolhas.

Foram aplicados, nesta pesquisa, 38 questionários, sendo que destes, 24 retornaram respondidos. Pode-se considerar que, o número de questionários respondidos foi razoavelmente expressivo, tendo em vista que, no semestre em que este foi aplicado, os acadêmicos se encontravam com inúmeras atividades curriculares para realizar, o que exigia muito tempo por parte deles, tornando difícil a realização outras tarefas.

Conforme explicitado anteriormente, no momento da aplicação do questionário, os participantes cursavam o sétimo nível do curso de Letras, sendo oriundos de várias cidades da região e tendo diferentes históricos de ensino e aprendizagem de LE.

Dos 24 participantes da pesquisa, 23 eram do sexo feminino e apenas 1 do sexo masculino. A faixa etária dos entrevistados variava entre 20 e 32 anos de idade, estando a maioria com 22 anos quando respondeu ao questionário.

No que se refere ao aprendizado de inglês, grande parte dos participantes informou tê-lo iniciado entre a infância e a adolescência, por volta dos 11 a 15 anos. Apenas 03 dos entrevistados responderam ter iniciado o aprendizado na fase adulta, após os 18 anos.

4.1 Análise dos dados

Nesta seção encontram-se os dados obtidos por meio do questionário, sendo que buscou-se analisar criticamente as respostas das questões consideradas mais relevantes, baseando-se nas teorias e estudos na área da LA, abordados ao longo desta pesquisa.

Questão 1) Já estudou alguma outra língua estrangeira além do inglês? ()
NÃO. () SIM.

Qual?.....

Questão 2) Você leciona inglês atualmente? () NÃO. () SIM.

Local _____

Faixa etária dos alunos _____

Série ou nível dos alunos: _____

Questão 3) Você já lecionou inglês em algum momento de sua vida?

() NÃO () SIM.

Local _____

Faixa etária dos alunos _____

Série ou nível dos alunos: _____

Nas três primeiras questões destaca-se a hegemonia da língua inglesa, já que foi confirmada como a língua mais estudada nas redes de ensino. Além de ser uma língua de status, o inglês detém grande prestígio frente à globalização. Outro ponto relevante é a falta de experiência em sala de aula dos alunos concluintes do curso de Letras, pois foi apontado que muitos acadêmicos somente tiveram contato com a prática de ensino por meio de estágios, ponto que pode ser entendido como negativo, já que julga-se mais produtivo unir, simultaneamente, as teorias aprendidas na faculdade à prática docente, às experiências vivenciadas em sala de aula.

Questão 4) Quais aspectos você considera positivos para o aprendizado de inglês para alunos em geral?

Nesta questão, os aspectos mais indicados pelos participantes foram:

- *interesse por parte dos alunos*, indicado por 11 alunos (78,6%);
- *professores qualificados/capacitados*, apontado por 7 alunos (50%);
- *conversação/diálogo entre os alunos*, indicado por 6 alunos (42,9%).
- *didática diferenciada*, com 5 apontamentos (35,7%)
- *interação entre aluno e professor e uso de bons materiais*, teve o mesmo número de indicações, 4 (28,6%).

- *atividades que envolvam as quatro habilidades (escrita, compreensão auditiva, leitura e oralidade)*, que teve 2 indicações (14,3%).
- *bom relacionamento como professor, trabalhos em grupos/duplas, leituras, ambiente de aprendizagem e consciência da importância de dominar uma LE*, tiveram apenas 1 indicação (7,1%)

Pelas respostas obtidas nesta questão, pode-se notar divergências entre o que cada participante acredita ser melhor para a aprendizagem de língua inglesa (doravante LI). Isto pode se justificar pelo fato de muitos não terem contato com a prática de ensino.

Ponto importante que, provavelmente, não foi levado em consideração pelos participantes foram as fases de aprendizagem, a idade dos aprendizes, ponto determinante no processo.

Questão 5) Quais aspectos você considera negativos para o aprendizado de inglês de alunos em geral?

Nesta questão foram apontados os seguintes aspectos:

- *o foco em apenas uma prática (gramática, vocabulário, repetição, tradução ou uso contínuo e permanente do livro didático)*: 9 apontamentos (90%);
- *professores desqualificados*: também com 9 apontamentos (90%);
- *falta de interesse dos alunos*: 6 apontamentos (60%);
- *carência de materiais bibliográficos e alternativos tanto para professores quanto para alunos*: 4 apontamentos (40%);
- *carga horária reduzida nas escolas públicas*: 2 apontamentos(20%).

Outros aspectos tiveram apenas 1 indicação (10%), como por exemplo:

- *poucas atividades com diálogo*;
- *excesso de exercícios mecânicos – que não fazem o alunos pensar/refletir*;
- *a idade (que faz os alunos muito novos confundirem as línguas, atrapalhando seu desempenho na LM)*;

- a *ignorância do papel de LI no mundo*; e
- a *obrigatoriedade* (aspecto que não foi explicado/detalhado).

As respostas mais indicadas evidenciam a consciência dos acadêmicos da necessidade de diversificação das práticas de ensino, da qualificação dos professores, para que a aprendizagem do idioma estrangeiro se concretize positivamente.

Além disso, vê-se uma sustentação no histórico do ensino do idioma estrangeiro no contexto nacional, pois dentre as várias reformas que o ensino de línguas passou, houve algumas mudanças quanto ao conteúdo, metodologia de ensino, obrigatoriedade e o tempo destinado ao ensino de línguas na escola.

Dentro desta questão, deve-se considerar, também, fatores relacionados à prática do professor, como a utilização de métodos adequados, que despertem o interesse pelo aprendizado, fazendo, assim, com que o idioma seja melhor reconhecido e valorizado, e que o aluno aprenda de forma prazerosa.

Questão 6) Na sua opinião, qual a melhor idade para se iniciar o aprendizado de um idioma estrangeiro?

- a. Entre 3 e 6 anos b. Entre 6 e 9 anos c. Após os 10 anos d. Após os 12 anos
- e. Outra. Qual? _____.

Justifique a sua opinião.

Dos 24 participantes da pesquisa, 6 deles (25%) assinalaram a alternativa “a. *Entre 3 e 6 anos*”. Dentre as justificativas os participantes indicaram que:

- “está comprovado que crianças aprender com mais facilidade e não se sentem envergonhadas em falar errado”.
- “entre 3 e 6 anos a criança está na fase de querer saber de tudo e juntamente com a língua materna, aprende a segunda língua com mais facilidade”.

- “a criança tem mais facilidade para aprender, pelo fato de o aparelho fonador não estar totalmente formado, e, portanto, a criança ainda está em fase de aprendizado da própria língua materna”.
- “nessa idade as crianças têm mais facilidade de aprender”.
- “quanto mais cedo os alunos iniciarem uma outra língua mais chances terão de aprendê-la e terão mais facilidade que os adultos”.
- “conforme algumas pesquisas lidas, a assimilação de um segundo idioma se dá de forma melhor quando ocorre após a consolidação da fala e da escrita, por volta dos seis e sete anos. Quanto maior a idade dos aprendizes, mais difícil a processo de aquisição, pois dificilmente terão a mesma fluência dos que aprenderam cedo ou dos nativos, e ainda, possuirão o sotaque na língua materna”.

Outros 9 participantes (37,5%) escolheram a opção “*b. Entre 6 e 9 anos*”, apresentando as seguintes justificativas:

- “nesta fase as crianças podem aprender através de brincadeiras”.
- “porque nessa faixa etária os alunos começam a ter outras disciplinas (matemática, português, etc.) e então a língua inglesa também deve ser implantada nesta hora”.
- “com essa idade as crianças têm mais facilidade em aprender um novo idioma”.
- “ao iniciar o aprendizado nesta faixa etária o aluno consegue conciliar português/inglês sem grandes dificuldades”.
- “essa é uma idade fácil para aprender uma nova língua, cuja criança está em desenvolvimento e consegue captar a fala com mais facilidade que uma pessoa adulta”;
- “segundo o que estudei na faculdade, quanto mais novo melhor, mas para crianças de 3 anos acredito ser muito maçante”.
- “entre 6 e 9 anos a criança já pode estar lendo e escrevendo na língua materna, o que conta muito para o aprendizado de uma segunda língua”;
- “idade em que a criança adquire seus maiores conhecimentos”.

Cada uma das alternativas apontadas acima foram citadas por diferentes participantes.

Além destas afirmações, 1 participante que escolheu esta alternativa não justificou sua escolha.

A alternativa “c. *Após os 10 anos*” foi escolhida por 6 participantes (25%) e teve como justificativas:

- “para um melhor aprendizado e aluno deve estar alfabetizado e consciente do que está aprendendo”.
- “após os 10 anos a criança já ingressou na escola, já tem mais “ciência” do aprendizado, por isso considero a melhor idade”.
- “após os 10 anos o aluno já sabe ler e escrever em sua língua e, mais ainda, apresenta facilidade em aprender uma nova língua”.
- “com essa idade a criança está mais madura, e pode-se começar com um aprendizado mais básico e repetitivo”.
- “antes dos 10 anos de idade os alunos não conseguem compreender a diferença da construção sintática de uma frase em inglês e em português e isso os prejudica. Um pouco mais velhos, já conseguem perceber”.
- “o aprendizado de inglês necessita empenho e maturidade do estudante”.

Cada uma das alternativas transcritas acima foram indicadas apenas 1 vez.

A alternativa “d. *Após os 12 anos*” não foi escolhida por nenhum dos participantes. Já a opção “e. *Outra idade*” foi assinalada 1 vez (4,2%), tendo como justificativa que alunos mais jovens têm mais facilidade no aspecto fonético da língua e na memorização, porém os alunos mais velhos têm mais consciência do processo de aprendizagem, o que pode suprir outra deficiência.

Outros 2 participantes (8,3%) não escolheram nenhuma das alternativas, justificando que deve ser considerada a motivação, diferenças individuais e oportunidades de aprendizagem, e que alunos aprendem de acordo com o contexto em que se inserem, observando-se a dedicação do aprendiz, o método de ensino, a didática utilizada pelo professor, entre outros aspectos.

Tomando todos os argumentos destacados nesta questão pode-se, de forma sucinta, justificar que os entrevistados sustentam-se, especialmente, na hipótese do período crítico (alternativa “a”), na questão da alfabetização, motivação e facilidade de interação por parte das crianças em determinada faixa etária (alternativa “b”). Algumas respostas fundamentam-se em crenças (alternativa “c”), pois não abordam nenhum conceito já lido ou estudado, podendo, também, estar relacionada à própria experiência dos entrevistados como aprendizes de língua inglesa.

A alternativa “d” não foi escolhida por nenhum participante e isto pode estar relacionado com o conhecimento da hipótese do período crítico e até com a própria experiência como aprendiz, por alguma dificuldade que passou, ou ainda com a realidade escolar, afinal na faixa dos 12 anos todas as crianças estão, ou deveriam estar, tendo contato com o idioma estrangeiro, já que este é obrigatório no currículo escolar a partir do segundo ciclo do ensino fundamental, e os alunos nesta faixa etária se enquadram nele.

Escolhida por apenas um participante, a alternativa “e” traz uma boa justificativa, baseada em estudos já mencionados nesta pesquisa, pois destaca que aprendizes mais jovens podem ter maior facilidade em alguns aspectos do aprendizado de uma língua estrangeira, porém o adulto, por ser mais consciente do processo de aprendizagem pode suprir algumas deficiências relacionadas à idade a que foi exposto ao idioma.

Outras duas escolhas levaram em consideração fatores muito importantes no que se refere à aprendizagem de uma língua estrangeira, como motivação, contexto em que os aprendizes estão inseridos, método de ensino, didática, entre outros. A partir destas afirmações pode-se concluir que os participantes que assim justificaram têm contato com o processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira e carregam crenças positivas quanto a este aspecto, pois os fatores levantados são relevantes para que o processo de aquisição de língua estrangeira se dê de forma produtiva e satisfatória.

O processo de ensino e aprendizagem de uma LE depende de muitos fatores e o profissional desta área precisa estar em constante atualização, para

poder realizar com sucesso seu trabalho e promover a formação do aprendiz de línguas.

Questão 7) Você já leu algo sobre aquisição e/ou aprendizagem de língua estrangeira? Quais fontes e autores?

Dos 24 participantes, 21 deles (87,5%) afirmaram já ter lido algo sobre o assunto. Já outros 3 (12,5%) nunca leram nada a respeito.

Dentre os participantes que afirmaram já ter lido algo sobre o assunto, 1 deles não escreveu fontes ou autores, 5 afirmaram não lembrar onde leram e os outros 15 apresentaram como fontes e autores, especialmente, *teorias e concepções da aquisição da linguagem*, na faculdade; artigos, principalmente de Leffa, Figueiredo, Lightbown & Spada e Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva. Além disso, apontaram livros didáticos e textos da internet.

O que pode-se concluir com as respostas desta questão é que alguns acadêmicos de Letras podem não dar muita importância à disciplina de LA, pois afirmaram não lembrar onde leram sobre o assunto – que foi estudado nesta disciplina. Os investigados que afirmaram nunca ter lido nada a respeito provavelmente não deram a importância merecida à disciplina de LA, pois nem lembraram o que haviam acabado de estudar.

Uma das indicações apontadas nesta questão é, no mínimo, descontextualizada, pois ao apontar que leram sobre aquisição e/ou aprendizagem de língua estrangeira em livros didáticos os participantes mostraram não ter mesmo conhecimento sobre o assunto, pois livros didáticos não abordam esse assunto, e sim apenas apresentam uma série de conteúdos a serem trabalhados.

Mais uma vez pode-se perceber que alguns acadêmicos baseiam-se em crenças descontextualizadas e desconexas, concluindo o curso e iniciando sua carreira como professor de línguas sem conhecimento teórico sólido a cerca desse assunto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo pretendeu apresentar a pesquisa sobre a aquisição de língua estrangeira na infância, apontando algumas teorias e pesquisas desenvolvidas na área da Linguística Aplicada e evidenciando as crenças de acadêmicos de uma turma do curso de Letras a respeito deste assunto.

A elaboração desta pesquisa possibilitou uma grande reflexão em torno do tema, pois baseou-se em diversas pesquisas já realizadas na área, a fim de encontrar respostas com respaldo teórico para os questionamentos levantados. Além disso, por meio do questionário aplicado, percebeu-se a importância do conhecimento na área e a necessidade da educação continuada e atualização constante, para que os profissionais da educação desmistifiquem as crenças sem qualquer embasamento teórico que carregam e que prejudicam a aprendizagem de línguas.

Por fim, cabe ressaltar que as constatações levantadas a partir desta pesquisa foram bastante significativas e, por ser um tema bastante abrangente e longe de se esgotar acredita-se que esta investigação possa servir de motivação para futuras pesquisas na área.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, Ana M. F. *Metodologias de Pesquisa das Crenças sobre Aprendizagem de Línguas: Estado da Arte*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. v. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.

MOTTER, Rose M. B. *Reflexões sobre o ensino de línguas estrangeiras na infância*. UNIOESTE. Educare Revista de Educaça, n. 3, vol. 2, jan/jun 2007.

PETERSON, Ana A. de A. GONÇALVES, Margarida de O. C. *Qual a melhor idade para se aprender línguas? Mitos e fatos*. Contexturas, n. 5 – 2000/2001.

ROCHA, Cláudia H. UNICAMP. *Reflexões e proposições sobre o ensino de LE para crianças no contexto educacional brasileiro*. In ALVAREZ, Maria O. SILVA, Kleber A. da (Orgs.). Linguística Aplicada: múltiplos olhares. Campinas, São Paulo. Pontes Editores, 2007, p. 71-107.

_____. *O ensino de línguas para crianças: refletindo sobre princípios e práticas*. In ROCHA, Cláudia H. BASSO, Edcléia A. (Orgs.). São Carlos. Editora Claraluz, 2008, p. 15-34.

SILVA, Kleber A. da. UNICAMP. *Crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas na Linguística Aplicada: um panorama histórico dos estudos realizados no contexto brasileiro*. In. *Crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas*. Linguagem & Ensino, v. 10, n. 1, p. 235-271, jan/jun. 2007.

TELLES, João A. *“É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e a sua relação com a prática do professor de línguas*. Linguagem & Ensino, vol. 5, n. 2, 2002. p. 91-116.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO

Prezado colega:

Peço sua colaboração para a concretização de minha pesquisa, respondendo a este questionário. Procure responder com sinceridade a todas as perguntas. Os dados presentes neste questionário serão analisados em meu trabalho de conclusão do curso. Todas as identidades serão mantidas em sigilo.

Dados do participante

Sexo: Feminino () Masculino ()

Idade:.....

Idade com que iniciou o aprendizado de inglês:

1. Já estudou alguma outra língua estrangeira além do inglês? () NÃO.
() SIM.

Qual?.....

2. Você leciona inglês atualmente? () NÃO. () SIM.

Local _____

Faixa etária dos alunos _____

Série ou nível dos alunos: _____

3. Você já lecionou inglês em algum momento de sua vida?

() NÃO () SIM.

Local _____

Faixa etária dos alunos _____

Série ou nível dos alunos: _____

4. Quais aspectos você considera positivos para o aprendizado de inglês de alunos em geral?

5. Quais aspectos você considera negativos para o aprendizado de inglês de alunos em geral?

6. Na sua opinião, qual a melhor idade para se iniciar o aprendizado de um idioma estrangeiro?

a. Entre 3 e 6 anos. b. Entre 6 e 9 anos. c. Após os 10 anos. d. Após os 12 anos.

e. Outra. Qual? _____.

Justifique a sua opinião.

7. Você já leu algo sobre aquisição e/ou ensino e aprendizagem de língua estrangeira? Quais fontes e autores?

